PSICOLOGIA DAS MASSAS E RACISMO DE ESTADO: O ULTRACONSERVADORISMO CONTEMPORÂNEO

MASS PSYCHOLOGY AND STATE RACISM: CONTEMPORARY ULTRACONSERVATORY

Lucas de Alvarenga Gontijo[1]
PUC Minas
Mariana Ferreira Bicalho[2]
PUC Minas

Resumo
Este artigo se vale de três clássicos autores do pensamento ocidental - Sigmund Freud, Hannah Arendt e Michel Foucault - para compreender como se formaram os discursos de ódio, de cunho ultraconservador, no Brasil contemporâneo e levaram à eleição de Jair Bolsonaro para chefe do poder executivo. A hipótese sustentada é a de que esses discursos puderam penetrar a sociedade brasileira a partir de movimentos de massas de longa duração. Por isso, o artigo perscruta os fundamentos psicossociais para justificar a organização desses movimentos e sua coesão. Pretende-se, em síntese, compreender como cidadãos que aparentemente não são perversos se mantém leais a esse líder mesmo cientes de seus atos inescrupulosos. Freud traz duas explicações para esse fenômeno, primeiro que são ligações libidinais que caracterizam as massas, de modo a elegerem um *objeto libidinal* que substitui o lugar do *ideal do eu*, a extinguir a instância moral dos membros da massa. E, em segundo lugar, Freud atenta para o fenômeno da *identificação*, a justificar que as massas funcionariam como hordas, sujeitas aos excessos do *pai primordial*. Em seguida, o artigo busca, a partir de Foucault, justificar a violência social que se instaurou no país valendo-se da teoria do racismo de Estado, sob uma perspectiva biopolítica. O racismo de Estado funciona a partir da fratura, da divisão que cinde um povo ao meio e estabelece um conflito

---

[1] Doutor e Mestre em Filosofia do Direito pela UFMG. Professor da graduação e do programa de pós-graduação em direito *stricto sensu* da PUC Minas. Professor titular de Filosofia do Direito da Faculdade de Direito Milton Campos. Advogado.
[2] Mestre em Teoria do Direito pela PUC Minas. Diretora da Associação Nacional de Pós-graduandos (ANPG). Coordenadora de projeto da Universidades Aliadas por Medicamentos Essenciais (UAEM Brasil). Coordenadora do Observatório Jurídico do Terceiro Setor e Direitos Humanos. Advogada.

permanente no interior da sociedade. Essa é a primeira função do racismo: fragmentar e fazer censuras no interior de um mesmo povo. Ao final, com Hannah Arendt, essa discussão foi trazida ao plano prático, a partir da análise dos regimes autoritários que emergiram por meio dos movimentos de massa dos anos 20 e 30 do século XX, na Europa. A autora sustenta que isso foi possível em decorrência do desenvolvimento das sociedades burguesas e a consequente atomização social desse tipo de reprodução econômica e social. Como será demonstrado, o totalitarismo tem terreno fértil nas sociedades apolíticas, indiferentes, que, por meio de seu silêncio, permitem o crescimento do autoritarismo.
Palavras-chave
Psicologia das Massas. Racismo de Estado. Biopolítica. Ultraconservadorismo. Discurso de Ódio. Atomismo Social.

Abstract
This article draws on three classic writers of Western thought - Sigmund Freud, Hannah Arendt and Michel Foucault - to understand how ultra-conservative hate speech was formed in contemporary Brazil and led to the election of Jair Bolsonaro as presidente of Brazil. The hypothesis is that these discourses could penetrate Brazilian society through long-term mass movements. Therefore, the article examines the psychosocial foundations to justify the organization of these movements and their cohesion. In short, it is intended to understand how citizens who are apparently not wicked remain loyal to this leader even aware of his unscrupulous acts. Freud gives two explanations for this phenomenon, firstly, they are libidinal bonds that characterize the masses so as to elect a libidinal object that replaces the place of the ideal of self, to extinguish the moral instance of the members of the mass. And secondly, Freud pays attention to the phenomenon of identification, to justify that the masses would function as hordes, subject to the excesses of the primordial father. Then, the article seeks, from Foucault, to justify the social violence that was established in the country using the theory of state racism, from a biopolitical perspective. State racism works from the fracture, from the division that kinks a people in half and establishes a permanent conflict within society. This is the first function of racism: to fragment and to censor within the same people. In the end, with Hannah Arendt, this discussion was brought to the practical level from the analysis of the authoritarian regimes that emerged through the twentieth and thirtieth-century mass movements in Europe. The author maintains that this was possible due to the development of bourgeois societies and the consequent social atomization of this type of economic and social reproduction. As will be shown, totalitarianism has fertile ground in apolitical, indifferent societies, which, through their silence, allow the growth of authoritarianism.
Keywords
Mass psychology, State racism, Biopolitics, Ultra-conservatism, Hate speech, Social atomism.

1 INTERSEÇÃO ENTRE PSICOLOGIA SOCIAL E RACISMO DE ESTADO:

A atual chanceler da Alemanha Angela Merkel, declarou às vésperas da cúpula do G20, em Osaka, no Japão, em junho de 2019, que via com preocupação as ações do presidente Jair Bolsonaro[3]. A chefe de Estado, que por sua vez é membra tradicional de um partido conservador, a *União Democrata-Cristã*[4], expressou algo que tem muita pertinência no contexto político mundial, pois inúmeros cientistas políticos, em todo planeta, olham com inquietação para o Brasil, com razão. É preocupante as sinalizações vindas de Jair Bolsonaro, eleito pelo voto direito para o comando de um país de 210 milhões de habitantes.

O presente artigo busca compreender como um político de longeva carreira parlamentar no Congresso Nacional Brasileiro, mas de pouca expressão política[5] e detentor de um veemente discurso de ódio, com manifestações que aviltam direitos humanos e a moral, chegara ao posto máximo do poder executivo. A hipótese deste artigo funda-se na interseção de princípios de psicologia social, mais precisamente a obra *Psicologia das Massas e Análise do Eu* de Sigmund Freud e a teoria do racismo de Estado, disposta nos livros *Em Defesa da Sociedade* e *Segurança, território, população* de Michel Foucault. Para exemplificação dos efeitos conjugados dessas duas

---

[3] **EL PAÍS. Políticas ambientais de Bolsonaro põem Brasil sob ataque no G20. Às vésperas da cúpula do G20** em Osaka, no Japão, presidente recebeu advertências públicas de Angela Merkel e Emannuel Macron. Bolsonaro diz que Alemanha tem a aprender com o Brasil. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/27/politica/1561656006_263638.html. Acesso em 01 de agosto de 2019.

[4] *Christlich-Demokratische Union Deutschlands – CDU* é um partido político de ideologia conservadora e situado à direita no espectro político

[5] Bolsonaro identificava-se com aquilo que se convencionara chamar de "Baixo Clero", dentro do Congresso Nacional brasileiro. Embora tenha sido eleito 5 vezes, permanecendo por 27 anos como deputado federal, era político de pouca ou quase nenhuma expressão. Nunca aprovou sequer único projeto de lei, mas valendo-se da onda conservadora crescente que se apoderou do país desde 2013, passou a ganhar notoriedade por não ter limites éticos em sua fala, sugerindo violência, homofobia, racismo, misoginia e tortura.

teorias, o artigo valer-se-á, ainda, de algumas percepções coletadas no livro *As Origens do Totalitarismo*, de Hannah Arendt, para fechamento dessa análise.

Para compreender o fenômeno bolsonarista, é preciso relacioná-lo a alguns campos ideológicos dos quais é, de certa forma, efeito. Jair Bolsonaro representa uma constelação de discursos ultraconservadores, com declarações expressas de ódio, como, por exemplo, que é favorável à tortura[6], faz, frequentemente, apologia à ditadura militar 1964-85 e acrescenta que ela deveria ter matado muito mais, em suas palavras: "tem que matar 30 mil"[7]. Além de frequentes declarações homofóbicas, racistas[8] e que pregam violência, como incentivo às milícias e até fuzilamento de seus adversários políticos, quais generaliza por "comunistas" e "petistas"[9].

Uma vez empossado como chefe do Poder Executivo, Bolsonaro decretou flexibilização de aquisição e porte de armas de fogo[10], a cumprir promessa a seus eleitores, quando, a fazer o símbolo da arma com as mãos, identificava sua campanha. Tem flexibilizado uso de agrotóxicos e

---

[6] Em entrevista ao programa "Câmera Aberta", na TV Bandeirantes, PGM 041, no ar no dia 23 de maio de 1999, Bolsonaro disse: "Pau-de-arara funciona. Sou favorável à tortura, tu sabe disso. E o povo é favorável também."

[7] Entrevista ao programa "Câmera Aberta", na TV Bandeirantes, PGM 041, no ar no dia 23 de maio de 1999.

[8] EL PAÍS. **O que Bolsonaro já disse de fato sobre mulheres, negros e gays**. Registros de declarações públicas mostram o que candidato passou a negar na reta final da campanha. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/06/politica/1538859277_033603.html. Acesso em 01 de agosto de 2019.

[9] EXAME. **"Vamos fuzilar a petralhada", diz Bolsonaro em campanha no Acre.** Enquanto discursava em um carro de som, o candidato do PSL imitou um fuzilamento e disse querer "botar estes picaretas pra comer capim na Venezuela". Disponível em https://exame.abril.com.br/brasil/vamos-fuzilar-a-petralhada-diz-bolsonaro-em-campanha-no-acre/. Acesso em 01 de agosto de 2019.

[10] Decreto 9.785, de 07 de maio de 2019.

proteções ambientais[11], levando ao aumento da devastação da Floresta Amazônica[12] e com efeito propiciando conflitos com povos tradicionais, indígenas e quilombolas a incentivar invasões aos territórios desses povos por grileiros e garimpeiros. Não obstante, tem promovido o desmantelamento sistemático da educação pública em todos os níveis, com cortes de verbas e projetos de leis que propiciam a privatização das autarquias federais (universidades federais)[13]. Enfim, nessa singela exposição, não se contenta todas as políticas de governo levadas a efeito até o momento. Teceu-se aqui apenas um relato das características mais latentes do Governo Bolsonaro, a deixar de lado escândalos políticos midiáticos

---

[11] O GLOBO. **Governo federal libera mais 42 agrotóxicos no Brasil e amplia recorde desde a posse de Bolsonaro.** Número total de autorizações neste ano chega a 239; Greenpeace alerta para regulamentação de combinações cujos efeitos ainda não foram estudados. Disponível em https://oglobo.globo.com/sociedade/governo-federal-libera-mais-42-agrotoxicos-no-brasil-amplia-recorde-desde-posse-de-bolsonaro-23760869. Acesso em 01 de agosto de 2018.

[12] BBC. **Desmonte sob Bolsonaro pode levar desmatamento da Amazônia a ponto irreversível, diz físico que estuda floresta há 35 anos.** Disponível em https://www.bbc.com/portuguese/brasil-48805675. Acesso em 01 de agosto de 2019.

[13] Está em curso no país um projeto de privatização da educação. De um lado, o contingenciamento no ministério da educação já chega a R$ 6,1 bilhões, inviabilizando o funcionamento dos institutos federais a curto e médio prazo. Do outro lado, como solução da ausência de recursos advindos da EC 95/2016 e do contingenciamento de gastos, o governo apresentou o projeto denominado "Futura-se", que visa a submissão da gestão universitária a lógica de captação de recursos privados, isto é, a lógica de mercado. O GLOBO. **Governo bloqueia mais R$ 348 milhões da Educação.** No ano, contingenciamento na pasta chega a R$ 6,1 bilhões; corte é o maior do orçamento federal. Disponível em https://oglobo.globo.com/sociedade/governo-bloqueia-mais-348-milhoes-da-educacao-23844272. Acesso em 01 de agosto de 2019; ANDIFES. **Veja as manifestações de algumas Universidades Federais sobre o Future-se**. Disponível em http://www.andifes.org.br/veja-manifestacoes-universidades-federais-sobre-future-se/. Acesso em 01 de agosto de 2019.

como, a título de exemplo, sua proximidade com milícias armadas[14], encobrimento de investigações de corrupção em sua família (caso Queiroz)[15] e de nepotismo, a nomear um de seus filhos, escandalosamente despreparado, para embaixador nos EUA.

Há indícios de que Bolsonaro deseja levar o status político de seu governo a um Estado Policial, por várias declarações que faz, além de intimidações nítidas a críticos e jornalistas. No dia 26 de julho de 2019 o ministro da justiça Sérgio Moro, a enfrentar um dos maiores escândalos de prevaricação já concebidos na história do poder judiciário brasileiro, publicou a Portaria 666, que tem viés arbitrário e intimidador direcionado aos jornalistas do *The Intercept Brasil*, mais precisamente à Glenn Greenwald.

Contudo, Bolsonaro foi eleito pelo voto direto, obtendo 55,13% dos eleitores brasileiros, isto é, com mais de 57 milhões de votos validos. A corroborar sua eleição havia amplo movimento de massa no Brasil, com milhares de militantes eufóricos vestidos com as cores nacionais, que o aclamavam como "o mito". Esses movimentos de massa não se formaram, inicialmente, entorno de Bolsonaro, mas foram herdados por ele. Esses movimentos haviam se iniciado, sem uma ideologia preestabelecida, a partir do mês de junho de 2013, vindo a serem cooptados ideologicamente sob a condução da grande mídia nacional para uma sensação de 'mal-estar' generalizada com o governo Dilma Rousseff. Algumas organizações sociais dentro desses movimentos se tornaram proeminentes, como o 'Movimento Brasil Livre' ou o movimento 'Vem pra Rua', ambos aprumados sob o

---

[14] O GLOBO. **Flávio Bolsonaro homenageou policiais acusados de participar de 'guarnição do mal'.** Ex-capitão apontado como chefe de milícia e outros sete PMs receberam moções de louvor em novembro de 2003, no mesmo dia de Fabrício Queiroz. Semanas depois, foram acusados de sequestro, tortura e homicídio. Disponível em https://oglobo.globo.com/brasil/flavio-bolsonaro-homenageou-policiais-acusados-de-participar-de-guarnicao-do-mal-23424182. Acesso em 01 de agosto de 2019.

[15] THE INTERCEPT BRASIL. **O escândalo dramático e sombrio que afoga o governo Bolsonaro.** Disponível em https://youtu.be/wcgiVlyavXI. Acesso em 01 de agosto de 2019.

pretexto de combate à corrupção. Ao longo de todos esses movimentos de massa, os adeptos usavam as cores do Brasil, mais peculiarmente usavam a camisa de futebol da Confederação Brasileira de Futebol – CBF, a fazer confundir suas convicções políticas com o nacionalismo.

Bolsonaro tornou-se o representante das crescentes igrejas neopentecostais brasileiras, da classe média conservadora, de agricultores e empresários e, por certo, o candidato que representava o poder econômico brasileiro e o capital estrangeiro. Há que se reconhecer também, embora paradoxalmente, que expressiva parte de seus eleitores provêm de berços humildes.

Faz-se intrigante como tudo isso pôde acontecer. Este artigo procura trazer alguma explicação para esse fenômeno político. Portanto, eis as metas que este artigo persegue: Primeiramente, deseja-se compreender por que se deu a submissão cega de expressivas parcelas da sociedade brasileira a esse líder. Em segundo lugar, busca-se compreender por que estes grupos alinhados ao bolsonarismo se tornaram tão intolerantes aos seus adversários políticos? E, paralelo a isso, por que se desenvolveram tão expressivos discursos de ódio no Brasil ou, em expressão mais ampla, porque se banalizou declarações homofóbicas, misóginas e de intolerância política tão rapidamente nesse período.

Para cumprimento desses propósitos, este artigo valer-se-á de três autores assaz reconhecidos da academia ocidental: Sigmund Freud, Michel Foucault e Hannah Arendt. Expor-se-á, inicialmente, a psicologia social freudiana, sem seguida, a teoria desenvolvida por Foucault sobre racismo de Estado, naturalmente relacionando-a à perspectiva biopolítica. Por fim, na parte conclusiva desse artigo, far-se-á alguns apontamentos sobre o relato de Hannah Arendt sobre a experiência dos movimentos de massa em processo de instauração dos regimes totalitários na Europa, nas décadas de 20 e 30 do século XX.

Para Hannah Arendt, os movimentos totalitários usaram e abusaram das liberdades democráticas com o objetivo de suprimi-las[16]. Isso atenta para constituição própria dos Estados Modernos, onde a confiança em democracias representativas podem, paradoxalmente, licenciar movimentos autoritários, travestidos de manifestações elementares da prática democrática. Arendt detectou que "as massas existem em qualquer país e constituem a maioria das pessoas neutras e politicamente indiferentes, que nunca se filiam a um partido"[17]. Pessoas aparentemente indiferentes que, pelo silencio, permitem que se instaurem violências sistemáticas contra grupos específicos, a que elas se veem separadas[18]. Como se explica esse silêncio ou essa omissão? Essa questão talvez tenha explicação a partir da psicossociologia freudiana, como se explorar-se-á no segmento 2 desse artigo. E como se dão essas separações/segregações entre grupos sociais, o que Foucault denominou por *racismo de Estado*, objeto da sessão 3 desse artigo.

Ainda permeou toda a trama a seguir o funcionamento das sociedades capitalistas, atomizadas, onde todas as relações sociais podem ser convertidas em mercadoria. O desamparo acometido pela insegurança econômica (o medo) e a individualização são causas dos movimentos de fanatismo de massa. Como registra Arendt, "a verdade é que as massas surgiram dos fragmentos da sociedade atomizada, cuja estrutura competitiva e concomitante solidão dos indivíduos eram controladas apenas quando se pertencia a uma classe. A principal característica do homem da massa não é

---

[16] ARENDT. *Origens do totalitarismo*, p. 362.

[17] ARENDT. *Origens do totalitarismo*, p. 361.

[18] Observe que Arendt menciona, em outras passagens, que os regimes autoritários não tardaram a perseguir e assassinar seus próprios membros. Sobre esse fenômeno, ela observa que, mesmo assim, os apoiadores se mantiveram inertes, não esboçando reação à eminencia da própria autofagia.

a brutalidade nem a rudeza, mas o seu isolamento e a sua falta de relações sociais normais"[19].

Em busca das causas da leniência conformista que permitiu o ultraconservadorismo ascender ao poder no Brasil, mister é compreender como o conformismo parece ter destruído a própria capacidade das pessoas se solidarizarem umas com as outras.[20] Enfim, este artigo procura jogar alguma luz sobre o fato de que grandes segmentos da sociedade brasileira se tornaram facilmente influenciáveis pelo discurso de ódio e se mostraram afeitos a defender ideologias obscuras, expressando radicalismo e insuflando a violência.

2 A PROPOSIÇÃO E O CONTEXTO DA OBRA PSICOLOGIA DAS MASSAS E ANÁLISE DO EU DE SIGMUND FREUD:

O livro *Psicologia das Massas e Análise do Eu* foi publicado em 1921, mas sabe-se que foi gestado lentamente e trouxe curso às inquietações de seu autor sobre as experiências traumáticas da *Primeira Guerra Mundial*, aquele tempo conhecida como a *Grande Guerra*. Os anos que sucediam o conflito armado caracterizavam-se como um período de incertezas e Freud buscava explicações sobre que motivos teriam levado o mundo à tão brutal conflito. Freud escreve esse livro quando o nazismo, na Alemanha, cumpria apenas dois anos e meio de existência, mas é possível supor que já estava preocupado com os movimentos de extrema direita que inflavam tanto o ódio contra à comunidade judia, quanto a intolerância contra os adversários políticos.

Freud baseia-se na então recém instaurada psicologia social, valendo-se predominantemente de três autores: Gustave Le Bon, que havia

---

[19] ARENDT. *Origens do totalitarismo*, pp. 366-367.
[20] ARENDT. *Origens do totalitarismo*, p. 358.

escrito "Psicologia das multidões", em 1895[21], William McDougall, que havia escrito "The Group Mind", em 1920[22] e Wilfred Trotter, que havia escrito "Os instintos do rebanho na paz e na guerra", em 1916[23].

Freud, quando da publicação do livro, já era muitíssimo reconhecido em todo o mundo e impõe a si perscrutar por que uma massa de indivíduos se torna tão facilmente influenciável. Não obstante, procura explicar porque o indivíduo, sob o efeito da massa, torna-se tão intolerante. O autor se pergunta, no início do livro, por que esses grupos funcionam de maneira tão afetada e por que intelectualmente se comportam de maneira tão limitada. Freud vai concluir com a tese de que as relações libidinais se tornam a essência da psique das massas. Mas essa conclusão fundamentar-se-á ao longo desse segmento, porque essa ideia, lançada assim abruptamente, apenas alimentaria a crítica rasteira do pansexualismo freudiano.

Antes de se aprofundar no problema-tema a que Freud se dedica, seria oportuno fazer duas advertências preliminares aos leitores, sobretudo porque esse artigo, ao ser publicado em uma revista cientifica de direito, precisa ser propedêutico a tratar de temas específicos do feudo da psicologia. Portanto, primeiramente, quando Freud se refere à libido (ao amor), não tem por alvo a relação sexual direta, mas o que ele próprio define como *Eros*, isto é, as multifárias formas de afeto humano, como, por exemplo, as pretensões de *meta libidinal inibida*, a *sublimação*, o *enamoramento*. Isso é, toda busca humana a partir de impulsos que, em sua origem psíquica, são libidinais, mas manifestam-se em toda a ação humana. Em segundo lugar, quando Freud se vale da expressão 'massa', ele refere-se às

---

[21] LE BON, Gustave. **Psychologie des foules**, Paris, aux Presses universitaires de France, 1895.

[22] MCDOUGALL, William. **The group mind**. Cambridge, at the university press, 1920.

[23] TROTTER, Wilfred. **Instincts of the herd in peace and war.** T. Fisher Unwin LTD, London: Adelphi Terrace, 1916.

organizações sociais de longa duração, como às igrejas, os exércitos, as instituições sociais em geral e não as manifestações da multidão, fugazes. Com efeito, Freud distingue dois tipos de massa, as massas fugazes e as organizações de longa duração. Para os desígnios desse artigo interessa as massas de longa duração.

É interessante, também, que para os teóricos que o precederam, interessava como se formavam as massas como fenômeno fugaz, as multidões. E eles concebiam esses fenômenos como decorrentes de impulsos gregários, a partir de a sugestionabilidade, enquanto Freud perspectiva as massas de longa duração, que se fundam, sobretudo, na concepção de um 'objeto amado' ou um 'desejo partilhado', quase sempre na forma de um líder.

Pois bem, qual é o problema-tema de Freud? Compreender porque as massas se formam e as peculiaridade de seu comportamento. Não obstante, isso é compreender porque quedam-se coesas ou, ainda, quais mecanismos psicossociais propiciam a formação dos grupos de modo a manterem submissão cega a um líder. Destarte, Freud se dispõe a investigar porque as massas se tornam vulneráveis a cometer atos que o indivíduo, se isolado, não se habilitaria a fazer – as massas são propensas à crimes - e, por fim, porque as massas são intolerantes para com seus eventuais adversários.

Como exposto acima, as massas gravitam entorno de circuitos de investimento libidinal. Como dispôs Freud, "são as ligações libidinais que caracterizam as massas"[24]. Para tanto, faz-se necessário a existência de um líder para a formação das mesmas, a ser tomado como *objeto libidinal* e concentrar todos os desejos do indivíduo enquanto membro de uma massa. Esse *objeto* substitui o lugar do *ideal do eu*[25], que cada indivíduo constrói para

---

[24] FREUD, *Psicologia das massas e análise do eu*, p. 92.

[25] Neste artigo, para seguir a expressão utilizada por Freud quando da escrita da obra Psicologia das Massas e Análise do Eu, não se referirá à expressão ideal do eu como superego, como é usual em algumas traduções. Entende-se que a expressão supereu (Überich) tem acepção dupla, ela tanto se refere ao modelo, ao ideal moral que um

si, no processo de formação de sua psique. Logo, esse *objeto* que tem alto grau de idealização, se transforma, a partir da psique das massas, na referência moral idealizada pelos *eus* coletivizados, isto é, unificados. Talvez a expressão de Freud traga maior clareza desse fenômeno:

> A tendência que falsifica o juízo nesse caso é a *idealização*. Mas isso facilita nossa orientação, reconhecemos que o objeto é trado como o próprio eu, ou seja, que no enamoramento recai sobre o objeto uma medida maior de libido narcísica. Em algumas formas de escolha amorosa se torna inclusive evidente que o objeto serve para substituir um ideal do eu, próprio e não alcançado. Ama-se o objeto devido às perfeições que se aspirou para o próprio eu e que agora se gostaria de alcançar por esse rodeio a fim de satisfazer o próprio narcisismo.[26]

Com isso, a engrenagem apresentada por Freud dá nítida ênfase na figura do líder. Trotter, McDougall e Le Bon não deram a devida importância para a figura do líder. Como Freud enfatiza, faltava a eles a figura do *pastor do rebanho*.[27]

Assim, com a supressão do ideal do eu, a instância moral do indivíduo reduz ao que o líder ordenar ou disser[28]. O objeto de amor à

---

indivíduo se autopropõe, quanto a uma instância proibitiva e punitiva – com certa de carga de violência castradora -. Não se usará, tampouco, a expressão ego para referir-se à ideia de *eu*. Ego, vocábulo do grego arcaico, também traz complicações teóricas que não vem à lume na obra em questão. O Ego é o eu organizado – mesmo contendo dois lados, o consciente e o inconsciente –, diferencia-se do id (isso), que é a pulsão pura, o princípio do prazer que não reconhece no não. Quando Freud escreve eu na obra em análise, não tem pretensão de problematizar o id. Portanto, a simples tradução de Ich para eu, basta.

[26] FREUD, *Psicologia das massas e análise do eu*, p. 112.

[27] FREUD, *Psicologia das massas e análise do eu*, p. 123.

[28] É mesmo caso da síndrome de borderleine, quando o indivíduo não consegue exercer qualquer censura ao objeto amado, tornando-se incondicionalmente submisso às suas ordens, inclusive para cometer crimes.

perspectiva da massa assemelha-se ao objeto amado de um adolescente, qualquer coisa que ponha em risco ou frustre a aspiração libidinosa é rechaçada com intensidade. O objeto de amor se apodera do amor-próprio (amor narcísico), propiciando, inclusive, auto sacrifícios ou cometimentos de crimes.

A entrega do eu ao seu objeto é um dos efeitos da pisque enquanto massa e falham completamente as funções que cabem ao *ideal do eu*. Isso é, a crítica exercida por essa instância se silencia. Daí um perigo eminente porque

> tudo o que o objeto faz e exige é justo e irrepreensível. A consciência moral não encontra aplicação a nada do que ocorre em favor do objeto; na cegueira do amor, a pessoa se transforma em criminoso sem sentir remorsos. A situação toda pode ser perfeitamente resumida numa fórmula: *o objeto se colocou no lugar do ideal do eu*.[29]

Quando o indivíduo está dominado pelas atitudes de uma psique de massa, intensifica-se peculiaridades radicais de auto identificação[30]. Esse fenômeno acontece porque a cognição e entendimento estão flutuando em uma intensa rede de emoções. Daí os membros de uma

---

[29] FREUD, *Psicologia das massas e análise do eu*, p. 113.

[30] Uma nota sobre a identificação: Ao passo que dentro das massas a repelência natural dos narcisismos individuais de uns para com os outros é dissolvida, assim como acontece entre com os irmãos de uma horda. Logo, há uma relação libidinosa específica dentro da massa, que se revela pela identificação. A identificação aspira, portanto, atribuir ao próprio *eu* uma forma semelhante à do outro *eu*, tomando-o como modelo. A identificação é a forma praticada desde tenra idade, no seio de uma família, como é a ligação política entre irmãos. Relaciona-se com a suposição de partilhar o objeto amado, estrategicamente. Por isso Freud conclui: "Já suspeitamos que a ligação mútua entre os indivíduos da massa tem a natureza de uma dessas identificações produzidas por meio de uma importante característica afetiva em comum, e podemos supor que essa característica se encontra no tipo de ligação com o líder"(FREUD, Psicologia *das massas e análise do eu*, pp. 103-104).

massa serem tão susceptíveis a reações passionais. Como complementa Freud, por vezes, isso se manifesta por preconceitos de classe, adesão cega à opinião comum do grupo, reação por sugestionamento, isto é, repetição irrefletida. Essas suposições não são originais de Freud, mas ele as colhe de seus precursores teóricos, em especial das lavras de Le Bon, que perspectiva uma teoria sobre *influências sugestivas*.[31]

2.1 A questão do messianismo – o objeto de amor:

Considerando que os sintomas da massa são limitações crítica ou intelectual, passionalidades e a causa desses efeitos é a existência de um *objeto libidinal*, isto é, o líder, faz-se necessário aprofundar na causa. Sabe-se, segundo exposição de Freud, de que esse líder pode ser perfeitamente uma abstração, um "chefe invisível". A suposição da existência de um líder é a identificação dos membros da massa uns para com os outros: "Tal massa primária consiste de certo número de indivíduos que colocaram um único e mesmo objeto no lugar de seus *ideias do eu* e que, por conseguinte, se identificaram uns com os outros em seus *eus*"[32].

Para afirmar essa teoria, Freud se vale da narrativa da *horda* e do *pai primordial*. Todos os membros da horda têm a configuração de irmãos. Porque interiorizam a ordem moral do pai primordial, o objeto de amor de todos os filhos. Nenhum dos membros dessa massa pode se colocar no lugar do objeto amado. Se um dos membros ousar destituir o posto máximo na hierarquia do poder recomeçariam todos os confrontos e lutas. É necessário que todos se mantenham nivelados, como súditos do líder mor. Assim se forma a comunidade totêmica de irmãos, em que todos podem coexistir sem duelos letais.[33]

---

[31] FREUD, *Psicologia das massas e análise do eu*, p. 120.
[32] FREUD, *Psicologia das massas e análise do eu*, p. 118.
[33] Cf. FREUD, *Totem e Tabu*. Já no livro *Psicologia das massas e análise do eu,* acompanhar o capítulo IX.

O que a massa tem em comum é o desejo que por sua vez materializa-se no objeto amado. Esse líder, ou ainda, essa ideia condutora, também poderia se dar de maneira negativa, o avesso do amor é o ódio. A repelência a uma ideia ou objeto odiado também pode funcionar para agregar uma massa. Como dispôs Freud, o ódio também determina a união de um grupo.[34]

Isso é muito sugestivo para os fins desse artigo. A manutenção de um ódio, a construção de um inimigo comum - sejam judeus, homossexuais, comunistas, para levar a efeito os inimigos internos no exemplo do nazismo -. Essa ideia está imbricada às motivações do racismo de Estado[35], análise que seguirá a trama desse artigo, na segunda parte[36].

O amor/ódio teria forças para suplantar os narcisismos e unir os indivíduos em algo comum, homogêneo. Transformar a individualidade egocêntrica em coletividade se explica pelo fenômeno da identificação. A agremiação se dá tanto pela repelência quanto pelo desejo ao objeto pivô dessa relação gregária.

Considerando que a submissão dos indivíduos tão docilmente tem a ver com a substituição de seus *ideais do eu* pelo objeto amado/odiado, esse abandono das censuras de seus *ideais do eu* remontam a teoria do recalque, desenvolvida em *Totem e Tabu*,[37] escrito em 1913.[38] Freud corrige a

---

[34] FREUD, *Psicologia das massas e análise do eu*, p. 91.

[35] FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade,* 1990.

[36] Apenas à título de sugestão, cabe lembrar de que na história recente do, entre os movimentos de direita, surgiu um ódio extremo ao Partido dos Trabalhadores (PT) e em especial ao ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, seu ícone maior.

[37] FREUD, Sigmund. Totem and taboo.

[38] No livro *Totem e Tabu* retoma-se a explicação do recalque e horda: Freud remonta que no núcleo familiar, o irmão mais velho é obrigado a se identificar com os outros irmãos, formando assim um grupo de crianças. Essa identificação é forçada porque ele não pode deter só para si o amor dos pais. Os irmãos estabelecem assim um sentimento de comunidade, de grupo, o que depois se reproduzirá na escola, em outros coletivos sociais. É um processo de transformação e substituição egóico do estado narcísico para o

asserção de Trotter segundo a qual o homem é um animal gregário, a dispor que ele é antes um animal de horda, submetido a um chefe[39].

Adentrando o fim desse primeiro segmento. Há, ainda, duas questões que merecem aprofundamento. A primeira é como se estabelece a especificidade da coesão das massas de longa duração. A segunda é conhecer os fundamentos psicossociais para justificar a agressividade usual dos membros das massas, tanto contra seus divergentes como a espantadora capacidade desses indivíduos anuírem - ou mesmo não se importarem - com o fato de seus líderes expressarem e até incorrerem em atitudes repugnantes ou perversas, frequentemente criminosas. Passa-se a essas duas questões antes de emparelhar a tese freudiana com a teoria do racismo de Estado, pensada por Foucault.

Pois bem, como se estabelece a coesão das massas de longa duração? Isso é, como se mobiliza pessoas para engajarem-se em movimentos de massa, como se estabelece organizações como a *Al Quaeda*, a *Ku klux klan*, a *S.A. hitlerista*, o Templários da Pátria e o *MBL*? Retomando Freud, isso seria possível pela teoria do amor inibido ou, mais precisamente por meio das aspirações sexuais de meta inibida. E valendo do jargão "Freud explica", é mais "fácil compreender isso a partir do fato de elas [as massas de longa duração] não serem suscetíveis de uma satisfação plena, enquanto as aspirações sexuais desinibidas experimentam uma diminuição extraordinária por meio da descarga que ocorre sempre que a meta sexual é atingida"[40] Por outro lado, os propósitos destes líderes, quando obscuros ou cercados de mistério, se tornam mais eficientes. Uma imprecisão geral dos propósitos, isto é, a falta de transparência de motivações e entendimentos

---

de grupo. Então, o indivíduo passa a agir como um coletivo unificado. Os membros desse coletivo, identificam-se entre si por meio do mesmo amor ao mesmo objeto. Essa teoria freudiana passa, como se sabe, pela narrativa da composição da horda e do pai primordial. Por isso, Freud vai afirmar que a massa é uma "revivescência da horda primordial".

[39] FREUD, *Psicologia das massas e análise do eu*, p. 128.

[40] FREUD, *Psicologia das massas e análise do eu*, pp. 116-117.

do líder propiciam o preenchimento desses vácuos com aquilo que cada indivíduo deseja ou valoriza a partir da politonalidade de sua própria interpretação.

A segunda questão a ser abordada é uma das motivações principais deste artigo, compreender como cidadãos, que aparentemente não são perversos, mantém-se leais aos seus líderes mesmo cientes de todas as impropriedades de seu caráter. Para isso, Freud traz duas explicações. Uma é que o complexo narcisista dos membros da massa encontra-se exaltado, propenso à censura crítica limitada. Freud lembra como são veementes as contrapartidas de um adolescente quando se censura seu objeto de amor. O adolescente, na efervescência de sua passionalidade, reage semelhante a massa porque é capaz de atacar com violência qualquer ato que, em tese, venha a inibir sua pulsão narcísica, pois está em formação e precisa afirmar-se. A massa também enxerga qualquer oposição com a mesma gravidade porque tem exígua inteligência crítica e é passional, por sua natureza psíquica. O divergente não é visto como uma opinião alheia, mas como uma ameaça em potencial que precisa ser extirpada a qualquer custo. Por isso a massa age de forma obstinada. Ela entente que a divergência é uma ameaça incontornável ao seu desenvolvimento necessário[41], como dispõe Freud. Daí, em luta por sua autoafirmação – que ganha patamar de legítima defesa vital – a massa é capaz de violências extremas. Essa propensão à violência é ainda maior quando um de seus membros de torna dissidente ou traidor. As punições àqueles que uma vez compuseram o corpo da massa e depois se desvincularam, usualmente, são as mais cruéis.

A outra tese é saber porque pessoas comuns, ordinárias, não se mostram indignadas com a perversidade de seus líderes e conseguem, para espanto de muitos, dar sequência as suas vidas como se nada tivesse

---

[41] FREUD, *Psicologia das massas e análise do eu*, p. 94.

acontecido. Isso se dá por meio de processos de fanatismo, idolatria ao líder que se torna incensurável.

Essa explicação, até aqui, não necessariamente satisfaz. Mas Freud não deixa que essa simples tese resolva o enigma. Ele vai além, elabora a tese que o parelho psíquico humano faz uma substituição do *ideal do eu* pelo *objeto de libido*. Como se sabe, o *ideal do eu* tem a função de estabelecer as censuras ao *eu*, para que o indivíduo se aperfeiçoe e essa tensão existente entre *ideal do eu* (instância moral do sujeito) e *eu* (facticidade prática do sujeito com suas limitações e recalques) constitua o sujeito. Ora bem, nos casos de idolatria ou fanatismo, o indivíduo simplesmente abandona sua instancia moral e toma o líder por ela.

No décimo capítulo do livro *Psicologia das Massas e Análise do Eu*, Freud se volta para duas obras suas pregressas para explicar o recalque, tema de seus primeiros estudos psicanalíticos sobre a histeria, constante no clássico *A Interpretação dos Sonhos*, de 1900, e teoria do *Pai Primordial*, descrita no *Totem e Tabu*, de 1913. A partir desses trabalhos precedentes se compreende a mecânica interna do ódio dentro da psique humana. Nessa trama teórica, em que Freud constrói também o sentimento de *culpa* – que para ele vem à psique humana por uma transmissão filogenética[42] – explica a relação paradoxal entre amor e ódio na constituição da libido.

Vislumbra o investigador austríaco que o líder (na condição de *Pai Primordial*) está liberando para odiar, o "Pai da horda primordial era livre", "seus atos intelectuais eram fortes e independentes", "sua vontade não precisava da confirmação dos outros", "ele não ama ninguém, exceto a

---

[42] É criticável, a partir do conhecimento sedimentado pela antropologia contemporânea, que de fato exista a 'transmissão hereditária filogenética' a que Freud se remete. Entretanto, é preciso compreender que Freud é um médico de formação e estava profundamente influenciado por autores de seu tempo, como Charles Darwin, por exemplo. É certo que o legado de Freud pode ser tomado como metalinguagem, nesse ponto. Essa é a orientação de Jacques Laplanche ao reconhecer um aspecto metalinguístico ou mesmo a presença de uma metáfora interiorizada e herdada sobre a qual a cultura ocidental se firmou.

si mesmo", são expressões guindadas por Freud à Psicologia das Massas para compreensão da relação de assujeitamento em que os membros da horda se encontram em ralação ao líder. Como discorre: "Ainda hoje, os indivíduos de massa necessitam da ilusão de que são amados pelo líder da massa de justa maneira, mas o próprio líder não precisa amar ninguém; ele pode ser de natureza senhoril, absolutamente narcísico, porém seguro de si e independente."[43] Ora, esses são os traços da personalidade de tipos como Adolf Hitler, Michinomiya Hirohito e de todos esses líderes ditatoriais que exasperam ódio.

Os recalcados, os humilhados, os inferiorizados formam esse exército de obcecados veneradores, que vão reproduzir, mesmo que sutilmente, seus comportamentos. Se o líder se manifesta de maneira racista, homofóbica, misógina, seus fãs tais qual o são. Não porque manifestam tais valores, mas porque concordam intimamente, de modo que esse ídolo os representa e os permite essa cumplicidade.

Os recalques, por serem de difícil elaboração, são inconscientes, no mais das vezes. São traumas psíquicos que se colecionam ao longo da vida pregressa dos indivíduos com dificuldade de autoafirmação. Por isso, os fanáticos, os extremistas, com frequência, são pessoas que enfrentam problemas de autoestima. Um líder maligno abre uma espécie de Caixa de Pandora para identificação de inúmeros perversos recônditos. Como se expressa Freud, "no decorrer de nosso desenvolvimento, separamos nosso patrimônio psíquico em um *eu* coerente e uma parte recalcada inconsciente deixada de fora dele"[44].

Há, também, as "pequenas licenças" para transgressão que Freud introduz à sua teoria. Os preconceitos, os desejos, sempre precisam de uma válvula de escape. Como um chiste de humor, uma 'piada inofensiva', revelam preconceitos latentes. Freud escreveu que a "violação

---

[43] FREUD, *Psicologia das massas e análise do eu*, p. 132.
[44] FREUD, *Psicologia das massas e análise do eu*, p. 143.

periódica das proibições é regra" e isso mostra que todas elas estão presentes e precisam vir à tona. A indiferença com a perversão do líder é, também, uma forma de manifestação destes valores inconfessáveis, mas que na boca do líder não são censuráveis[45]. Ora, se considerável parte da população brasileira é homofóbica, misógina, racista, autoritária, um líder como Bolsonaro a representa e, através dessa mecânica psíquica disposta por Freud, se explica.

Agora, resta uma pergunta ainda não dissecada aqui. Há outro fenômeno curioso que pode ser identificado nas massas e ainda não se tem uma explicação. Refere-se à submissão ao autoritarismo que é frequentemente percebida nas massas (dos recalcados). Como se sabe, as massas que manifestaram idolatria à Bolsonaro, em alguns episódios não raros – foram capazes de pedir a volta da Ditadura Militar (1964-85). Que relação existiria entre os, por assim dizer, ufanistas do regime autoritário e suas manifestações desassisadas? Freud também não deixou que essa questão passasse sem tratamento. Para ele, "o líder da massa continua sendo o temido *pai primordial*, a massa ainda quer ser dominada por uma forma irrestrita, ânsia pela autoridade num grau extremo, tem, segundo a expressão de Le Bon, "sede de submissão"[46]. Isso explica o desejo de pedir o retorno da ditadura.

É preciso reconhecer que pessoas recalcadas, que se sentem inferiorizadas ou mesmo inseguras, não sabem ser livres. Por isso, com facilidade, exatamente por não terem suas instancias morais bem consolidadas, não conseguem consolidar seus respectivos *ideais do eu*, substituem suas dimensões superegóicas pelo líder. Considerando que o *Pai Primordial* é o ideal das massas, que domina o *eu* em lugar do *ideal do eu*, compreende-se essa permissividade do mal.

---

[45] A rememorar o carnaval, as saturnais romanas, o direito à transgressão uma vez ao ano. FREUD, *Psicologia das massas e análise do eu*, p. 144.
[46] FREUD, *Psicologia das massas e análise do eu*, p. 138.

O líder perverso, por sua vez, também é uma pessoa recalcada, esconde seus complexos e inseguranças na violência que exaspera. A história vem mostrando que a grande maioria dos líderes autoritários foram, em regra, personalidades medíocres, mesquinhas. Hannah Arendt lembra disso ao descrever a exiguidade de autoridades nazistas como Goebbels, Göring, Streicher, Rosenberg, que maquiadas pela propaganda nazista foram idolatradas, mas que, nos seus íntimos, eram desajustados e diminutos. Arendt adjetiva-os pejorativamente de filisteus, isto é, incultos, de interesses estritamente egocêntricos e vulgares. Os filisteus são aqueles se caracterizam pela limitação da sensibilidade e da inteligência, mas esses são os mais perniciosos líderes para uma massa tão igualmente incauta.

Para passar ao próximo segmento, é preciso lembrar de onde vem a necessidade de se sujeitar aos líderes autoritários. Essa necessidade se explica, em parte, por tudo que foi singelamente argamassado nessa introdução à psique das massas. Mas é preciso introduzir um elemento fundamental, à adesão ao autoritarismo vem do medo, da insegurança. Por isso faz-se necessário conectar essas ideias com a perspectiva proposta por Michel Foucault.

3 – O CONCEITO DE RACISMO DE ESTADO PROPOSTO POR MICHEL FOUCAULT:

O segundo ingrediente que faz parte da análise que este artigo procura construir é o *racismo de Estado*. Este conceito, cunhado por Michel Foucault na *Aula de 17 de março de 1976*, no Collège de France, é particularmente importante para o escopo final a que se pretende chegar na conclusão destes escritos.

Preliminarmente, é preciso afirmar que o racismo, em sentido amplo, vai se desenvolver nas sociedades modernas que funcionam

baseadas no biopoder[47], portanto é um fenômeno do Estado moderno. Mas a adição da palavra Estado ao conceito de racismo modifica sua semântica. Se pensa o racismo de Estado sob a perspectiva interna de uma população, de uma massa de indivíduos organizada como povo, de membros de uma nação, de um Estado. Sob essas circunstâncias, o racismo decorre de uma ameaça a sobrevivência dessa massa enquanto coletividade. Essa ameaça, como explica Foucault, não é, sob a égide biopolítica, o perigo da invasão de uma raça estrangeira que viria a conquistá-la ou mesmo aniquilá-la, mas as diferenças internas dentro de um povo, suas cisões demográficas. Por isso, o racismo de Estado funciona a partir da fratura, da divisão que cinde um povo e ao meio e estabelece um conflito. Dispõe Foucault: "Essa é a primeira função do racismo: fragmentar e fazer cesuras no interior desse contínuo biológico a que se dirige o biopoder".[48] Essa fratura dos corpos sociais só é possível quando um dos grupos, no interior desse todo, é visto como ameaça, como perigo. A extremar esse conflito, expõe Foucault que o racismo "assegura a função de morte na economia do biopoder, segundo

---

[47] Há que se fazer aqui uma breve nota explicativa do que vem a ser biopoder. Essa forma de pensamento político e científico é detectada a partir do final do século XVIII, por Foucault. Esclarece ele que não se aplica aos indivíduos isolados, como fez o poder disciplinar, mas se acumula ao poder disciplinar para atingir a multiplicidade dos cidadãos de um Estado. É, portanto, um poder regulamentar. Como explica Foucault, trata-se de todos os assuntos sobre a vida humana, a natalidade, a morbidade, as incapacidades biológicas diversas (FOUCAULT. *Em defesa da sociedade*, p. 206). O biopoder, com efeito, se concentra neste corpo múltiplo, a partir da noção de população. A população passa a ser o problema político por excelência e esse problema passa a sofrer as interferências dos discursos científicos, como problema biológico das raças, dos pobres, tudo como objeto do poder estatal. A passagem a seguir é singularmente explicativa: "Eis que aparece agora [final do século XVIII], com essa tecnologia do biopoder, com essa tecnologia do poder sobre a 'população' enquanto tal, sobre o homem enquanto ser vivo, um poder contínuo, científico, que é o poder de 'fazer viver'. A soberania fazia morrer e deixava viver. E eis que agora aparece um poder que eu chamaria de regulamentação e que consiste, ao contrário, em fazer viver e em deixar morrer" (FOUCAULT. *Em defesa da sociedade*, p. 207).
[48] FOUCAULT. *Em defesa da sociedade*, p. 214

o princípio de que a morte dos outros é o fortalecimento biológico da própria pessoa na medida em que ela é membro de uma raça ou de uma população, na medida em que se é elemento numa pluralidade unitária viva"[49]

A reconstruir exemplos históricos, pode-se pensar que não seria possível expropriar e assassinar os judeus na ascensão nazista se não se lograsse separá-los do corpo social alemão. Assim, essas divisões se organizam, tal qual se fez com o povo judeu, contra outras minorias, os alcóolatras, os pobres beneficiados por programas beneficentes, os simpatizantes de determinado partido político, enfim, criam-se míticas sobre a ameaça que eles representariam. Destarte, Foucault mostra como funciona o racismo de Estado: por meio do preconceito, por meio de crenças infundadas que justificariam a necessidade de uma reação/mobilização política da população para combater essa suposta ameaça ou justificar a intervenção do Estado[50]. A usar de um exemplo recente do contexto brasileiro, foi alardeada pelas redes sociais – provavelmente sobre o impulso de algoritmos manipulados por forças eleitorais - a crença de que os homossexuais planejariam a conversão das crianças brasileiras à homossexualidade e, portanto, isso justificaria políticas estatais de combate ao que se chama - inapropriadamente - de 'ideologia de gênero'[51].

---

[49] FOUCAULT. *Em defesa da sociedade*, p. 217.

[50] O racismo não fica apenas no campo da segregação. "o racismo é indispensável como condição para poder tirar a vida de alguém, para poder tirar a vida dos outros. A função assassina do Estado só pode ser assegurada, desde que o Estado funcione no modo do biopoder, pelo racismo". FOUCAULT. Em defesa da sociedade, p. 215).

[51] No período eleitoral, o então candidato Jair Bolsonaro andava com um suposto livro escolar "Aparelho Sexual e Cia", que supostamente fazia parte de um "Kit Gay" disponibilizado, pelos governos petistas anteriores, nas escolas públicas do país. Essa e outras mentiras infundadas foram amplamente divulgadas durante a campanha eleitoral. De acordo com estudo realizado pela organização Avaaz à IDEIA Big Data, 98,21% dos eleitores de Jair Bolsonaro tiveram contato com Fake News durante as eleições e, ainda,

Portanto, alguns grupos ou identidades seriam selecionadas para expiar a culpa por todos os infortúnios que a população estaria sujeita, sob a crença de um risco eminente. Isso se viabiliza por uso de preconceitos subjetivamente forjados, que servem para justificar ações de segregação, guetização ou até mesmo extermínio, pelo Estado moderno. Entorno do racismo de Estado se mobiliza todas as energias de um povo para o combate a esse perigo eminente. Assim se mantém todas as atenções permanentemente acionada contra essa ameaça que é, em verdade, mítica. Mas como enfatiza Foucault, é preciso manter a população alarmada, mobilizada, permanentemente. Isso se vê com evidência das quotidianas falas e mensagens por redes sociais de Donald Trump e Jair Bolsonaro, a evocarem fantasmas que na realidade não existem, sejam as ameaças ocultas, conspirações, de modo que todos precisariam estar alertas.

A ideia de racismo enquanto conceito amplo [ojeriza a uma raça] nucleia a proposição racismo 'de' Estado de Foucault porque tem os mesmos ingredientes do racismo em sentido amplo, trata-se de uma suposição infundada, uma crença que permeia o pensamento da população sem que haja qualquer relação de causa e efeito, um mero preconceito. O racismo é mítico, como se houvesse de fato características congênitas em uma raça. Como a suposição de que um grupo étnico é propenso à determinados comportamentos por imposição de sua ancestralidade se justificaria precauções e intervenções sobre ele. Por exemplo, no século XVIII os colonos e portugueses brancos, na antiga Província das Minas do

---

89,77% deles acreditam que as notícias falsas e estapafúrdias são verdadeiras. O GLOBO. **Livro citado por Bolsonaro no Jornal Nacional não foi distribuído em escola**. Informação do candidato à Presidência foi negada pela editora e Ministério da Educação. Disponível em https://oglobo.globo.com/brasil/livro-citado-por-bolsonaro-no-jornal-nacional-nao-foi-distribuido-em-escola-23021610. Acesso em 01 de agosto de 2019. GGN. **Entre eleitores de Bolsonaro, 90% acreditam em fake news, diz estudo**. Disponível em https://jornalggn.com.br/midia/entre-eleitores-de-bolsonaro-90-acreditam-em-fake-news-diz-estudo/. Acesso em 01 de agosto de 2019.

Ouro, estavam convictos de que os africanos eram sub-humanos, violentos, irascíveis e deveriam ser tratados a grilhões e açoites, como se faz com animais[52]. Não sem razão Foucault infere que "o racismo vai se desenvolver primo com a colonização, ou seja, com o genocídio colonizador. Quanto for preciso matar pessoas, matar populações, matar civilizações, como se poderá fazê-lo, se funcionar no modo do biopoder? Através dos temas do evolucionismo, mediante um racismo."[53]

A partir de uma campanha generalizada, os alemães dos anos 20 e 30 do século XX acreditavam que os judeus eram dissimulados, financistas e egoístas como traço incorrigível de sua raça. Nenhuma dessas crenças são verdadeiras, mas lastreavam práticas de descriminação e violência. O racismo de Estado funciona a partir da identificação e segregação de uma identidade que seria dissidente do corpo social dominante. Assim, essa identidade é generalizada, homogeneizada e estigmatizada a ponto de se criar previsibilidades de seus comportamentos, irrecorríveis. Os preconceitos dos ricos com a suposta lassidão dos pobres, dos brasileiros do sudeste a atribuir preguiça congênita aos brasileiros nordestinos etc.

É fundamental perceber que o racismo de Estado é uma tecnologia de poder que se corrobora por meio de todas as crenças que estabelecem cisões entre segmentos do corpo social, que remeteriam a assujeitamentos que podem ser materializados pelas políticas de Estado.

Os alcunhados "bolsas família", "petistas", "comunistas" se tornaram a hipotética causa da crise econômica a que o Brasil se viu metido desde 2013. Pronto, havia uma classe que expiaria a culpa e deveria ser rechaçada. Isso é instituir o problema da luta, da luta contra o inimigo interno, da eliminação do adversário. Esses enfrentamentos usualmente transcendem para violências físicas.[54]

---

[52] Cf.: ANASTASIA, *A Geografia do Crime*; SOUZA, *Norma e conflito*.
[53] FOUCAULT. *Em defesa da sociedade*, p. 216
[54] FOUCAULT. *Em defesa da sociedade*, p. 221.

Foucault, na explanação da *Aula de 17 de abril de 1976*, mostra como a sociedade nazista generalizou o biopoder. Para ele, o período nazista foi marcado por um Estado "absolutamente racista, um Estado absolutamente assassino e um Estado absolutamente suicida[55]"[56]

Por outro lado, o racismo de Estado tem suas bases no evolucionismo do século XIX e o que inseriu o racismo nos mecanismos do Estado foi mesmo a emergência do biopoder.

> No contínuo biológico da espécie humana, o aparecimento das raças, a distinção das raças, a hierarquia das raças, a qualificação de certas raças como boas e de outras, ao contrário, como inferiores, tudo isso vai ser uma maneira de fragmentar esse campo do biológico de que o poder se incumbiu; uma maneira de defasar, no interior da população, uns grupos em relação aos outros. [57]

A se pensar o biopoder no contexto da América Latina, mais especialmente no Brasil, é preciso retomar as relações sociais, econômicas e políticas que decorreram dos processos de colonização e escravidão[58]. As classes alta e média no Brasil são formadas, em sua ampla maioria, por descendentes dos brancos europeus. A segregação social racializada decorrente desses processos nunca foi superada.

Desde o período colonial, as hierarquizações étnico-raciais se articulam com as estruturas de controle da circulação da riqueza no país.

---

[55] A pretensão de proteção máxima da raça pura também a levaria, em caso extremo, ao sacrifício total desse mesmo povo, isto é, ao autoextermínio. Nessa passagem, Foucault também se refere à ordem de Hitler para destruição total do próprio povo alemão, em caso de derrota. Essa era a ordem contida no telegrama 71, de abril de 1945.

[56] FOUCAULT. *Em defesa da sociedade*, p. 219.

[57] FOUCAULT. *Em defesa da sociedade*, p. 214.

[58] Cf: HOLSTON, *Cidadania insurgente: disjunção da democracia e da modernidade no Brasil*, 2013; MAZZEO, *Estado e burguesia no Brasil: origens da autocracia brasileira*, 2015;

Raça, etnia e divisão do trabalho se entrelaçam[59] e formam uma rede de privilégios/segregação aplicada aos grupos sociais.

No período colonial, a participação dos afrodescendentes e dos povos originários na administração estatal foi sistematicamente negada. Após a independência, a organização social e política do país ficou a cargo de uma elite branca latifundiária, enquanto aos afrodescendentes e aos povos originários, quando não escravizados, foram impostos trabalhos ligados ao corpo e à força física. Essas relações alimentaram a subjetividade colonial da superioridade cognitiva e administrativa da raça branca e, logo, as desigualdades econômicas, sociais e políticas decorrentes dessa subjetividade. Dessa forma, o Estado brasileiro se fundou mantendo a estratificação por raças, consolidando a subalternização dos povos originários e de origem africana no interior do Estado.

É importante perceber como essa técnica de poder afasta a compreensão dos conflitos de classe no interior dos Estados nacionais e perpetua fundamentos racistas sobre os diferentes graus de desenvolvimento econômico, social e político de indivíduos e de grupos. Em outras palavras, os conflitos econômicos, sociais e políticos inerentes ao capitalismo são ocultados, ou melhor, transformados em defeitos inerentes a essência de determinados indivíduos e grupos. Dessa maneira, parcela significativa da sociedade brasileira permanece fora do padrão civilizatório capitalista e essa exclusão é vista como incapacidade natural de indivíduos e grupos.

A escravidão física é substituída pela escravidão psicológica, simbólica, mantendo uma dominação e exclusão no plano cultural. A dominação no plano cultural permite a expansão e manutenção da dominação no plano econômico. Como demonstrado por Bourdieu, no interior da sociedade capitalista, determinados comportamentos e atividades se transformam em símbolos distintivos de classe. A pronúncia, o gosto, o

---

[59] QUIJANO, *Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina*, 1993.

modo de se vestir, aparecem como propriedades essenciais de determinados indivíduos, "uma cultura tornada natureza, uma graça e um dom"[60]. Assim, as diferenças econômicas e, consequentemente, as possibilidades de acesso à saúde, à educação e à disponibilidade de tempo para estudos são aceitas como estilos de vida, marcas distintivas de superioridade.

É por isso que, no Brasil, as políticas assistencialistas, como bolsa família são vistas como negativas pela elite. Ao naturalizar, por exemplo, que nordestinos são preguiçosos, irracionais, atrasados, enquanto pessoas nascidas no sul e sudeste são civilizadas, racionais, empreendedoras, oculta-se as contradições econômicas, sociais e políticas historicamente perpetuadas pelas relações de poder na sociedade, e naturaliza, racializa, o atraso econômico de determinadas indivíduos e regiões. Assim, o bolsa família deixa de ser compreendido como um mecanismo de distribuição de renda, a fim de minimizar as desigualdades sociais e passa a ser compreendido como "esmola" a um grupo naturalmente inferior. Não é de se surpreender que Jair Bolsonaro, ao comentar sobre o programa, afirmou que filhos do bolsa família tem intelecto menor[61]. A perpetuação de hierarquias raciais entre regiões e indivíduos, retira a responsabilidade política do governo em diminuir as desigualdades, já que não se trata de relações econômicas e políticas próprias e, sim, inferioridade natural dos indivíduos da região. Trata-se, portanto, de uma técnica de poder essencial para manutenção dos privilégios da elite econômica.

---

[60] BOURDIEU, *A economia das trocas simbólicas*, p. 16

[61] ESTADÃO. Governo constatou menor desenvolvimento intelectual em 'filhos do Bolsa Família', diz Bolsonaro. 'Fica difícil até com boas escolas fazer com que essa garotada possa ser um bom profissional lá na frente', disse o presidente. Disponível em https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,governo-constatou-menor-desenvolvimento-intelectual-em-filhos-do-bolsa-familia-diz-bolsonaro,70002763170. Acesso em 02 de agosto de 2019.

4 – A EXPERIÊNCIA SOB A NARRATIVA DE HANNAH ARENDT: O efeito das massas.

Na parte conclusiva deste artigo, faz-se introduzir a terceira autora que somada à Freud e Foucault corrobora, de modo trazer ao plano prático, os efeitos dos movimentos de massa. Arendt faz uma análise filosófica com base em suas experiências sobre os desdobramentos dos movimentos totalitários na Europa, reflexão que se consolidou no *Origens do Totalitarismo*, de 1951.

Para compreender o fenômeno das massas no século XX, mais precisamente os que se aplicaram nas décadas de 20 e 30, é preciso relacioná-los com o desenvolvimento das sociedades burguesas e a consequente atomização social. Para Arendt, o isolamento dos indivíduos no novo modelo de vida competitiva, somada à insegurança econômica após da Primeira Guerra Mundial, criaram campo propicio a entrega ao fanatismo. Como escreve, "a atomização social e a individualização extrema precederam os movimentos de massa"[62].

Hannah Arendt, refugiada nos EUA, procurava entender o que havia passado com a sociedade europeia, recolher os cacos que haviam restado de uma sociedade que aparentemente havia consolidado valores democráticos antes de experimentar os regimes autoritários. Mas ela encontra exatamente aí à guisa de sua tese. O nazismo aninhara-se exatamente no seio da sociedade que não se importava com política, aqueles que haviam se mostrado indiferentes. O grande mostro emergia por detrás de uma sociedade silenciosa e indiferente aos seus primeiros sinais de violência, fazendo das liberdades democráticas sua escada para o poder [63].

---

[62] ARENDT. *Origens do totalitarismo*, p. 366.

[63] Esta passagem, trazida por Arendt, explica como se estabeleceu a conexão entre as sociedades aparentemente democráticas e a ascensão dos movimentos de massa na Europa, acompanhe: "Esses movimentos, pelo contrário, demonstravam que as massas politicamente neutras e indiferentes podiam facilmente constituir a maioria num país de

Os movimentos totalitários "lidavam com pessoas que tinham motivos para hostilizar igualmente a todos os partidos"[64], isto é, os cidadãos apolíticos. Um segmento da sociedade que só se preocupava com seus interesses privados, voltado para nenhuma organização social maior que suas próprias famílias. Daí, a expressão *ralé*, usada por Arendt, que, em seu texto, vem a significar não propriamente uma classe, social embora proviessem predominantemente da classe média, mas pessoas superficiais, indiferentes, que não faziam mais do que defender seus interesses materiais imediatos. Era da *ralé* que as massas tiravam seus substratos humanos. O diagnóstico arendtiano constata que esses setores da sociedade eram indiferentes ao mal e ao crime. Segundo a autora, na mentalidade da ralé os "atos de violência podiam ser perversos, mas eram sinal de esperteza"[65]

Os segmentos sociais que propiciaram os movimentos de massa não se importavam ou nem mesmo se davam conta de que os lideres a que prestavam reverencia eram pessoas tão filisteus quanto eles. Hitler e seus partidários mais próximos eram, segundo Arendt, indivíduos proscritos, desajustados e fracassados, mas incrivelmente pretensiosos e inescrupulosos, eram exatamente aqueles que tinham menos a perder. Por motivo de suas limitações intelectivas, promoviam o anti-intelectualismo com apoio de seus seguidores. Nas palavras de Arendt, a "uniforme perseguição movida contra qualquer forma de atividade intelectual pelos

---

governo democrático e que, portanto, uma democracia podia funcionar de acordo com normas que, na verdade, eram aceitas apenas por uma minoria. A segunda ilusão democrática destruída pelos movimentos totalitários foi a de que essas massas politicamente indiferentes não importavam, que eram realmente neutras e que nada mais constituíam senão um silencioso pano de fundo para a vida política da nação. Agora, os movimentos totalitários demonstravam que o governo democrático repousava na silenciosa tolerância e aprovação dos setores indiferentes e desarticulados do povo, tanto quanto nas instituições e organizações articuladas e visíveis do país" ARENDT. *Origens do totalitarismo*, p. 362

[64] ARENDT. *Origens do totalitarismo*, p. 362.

[65] ARENDT. *Origens do totalitarismo*, p. 357.

novos líderes da massa deve-se a algo mais que o seu natural ressentimento contra tudo o que não podem compreender"[66]. Por outro lado, a "falta de inteligência e criatividade é ainda a melhor garantia de lealdade"[67], a mediocridade tem razões para se unir: impedir que os sonhos alcem voo.

Arendt, ao referir-se à Hitler, afirma que "ele não poderia ter mantido a liderança de tão grande população, sobrevivido a tantas crises internas e externas, e enfrentado tantos perigos de lutas intrapartidárias, se não tivesse contado com a confiança das massas"[68]. E Hitler não precisava de qualquer demonstração de virtude ou de inteligência, bastava que desse a impressão de força, exatamente como havia postulado Freud, sobre as qualidades do líder.

É lógico que acompanha esse fenômeno o que hoje se reconhece pela expressão *fake News*, na época se entendia pela falaciosa propaganda nazista. Arendt relata que os nazistas, de maneira geral, tinham verdadeira aversão pelos intelectuais, sobretudo pelos historiadores. Para eles a diferença entre verdade e mentira era apenas uma mera questão de força. A pressão e a ostensiva repetição de suas versões sobre os fatos e sobre a história deveriam se impor como se isso pudesse ser feito por meio de uma tendenciosa confusão. Arendt marca que "deve acrescentar-se o terrível fascínio exercido pela possibilidade de que gigantescas mentiras e monstruosas falsidades viesse a transformar-se em fatos incontestes, [...], e de que a diferença entre a verdade e a mentira pudesse deixar de ser objetiva e passasse a ser apenas uma questão de poder e de esperteza, de pressão e de repetição infinita".[69] Os discursos eram simples fraude do ponto de vista factual e intelectual, mas os nazistas habituaram-se a sustentar a mentira, transformando-a em motivação para a ação.

---

[66] ARENDT. *Origens do totalitarismo*, p. 388.
[67] ARENDT. *Origens do totalitarismo*, p. 389.
[68] ARENDT. *Origens do totalitarismo*, p. 356.
[69] ARENDT. *Origens do totalitarismo*, p. 383.

Hannah Arendt não tinha conhecimento da teoria do racismo de Estado de Foucault, pronunciada, pela primeira vez, vinte e cinco anos depois da primeira publicação do *Origens do Totalitarismo*. Mas um dos temas centrais de seu livro era o antissemitismo. O movimento de massa qual ela se remete, predominantemente, levará a efeito, como se sabe, ao genocídio em campos de concentração judeus, ciganos, homossexuais, comunista e deficientes físicos e mentais em índices demográficos assustadores. Faz-se inquestionável a asserção foucaultiana de que os Estados mais assassinos são, ao mesmo tempo, os mais racistas[70].

Ao instaurar os apontamentos finais deste artigo, deseja-se ter demonstrado que o biopoder não é algo do passado, mas uma eminência dos Estados modernos. Foucault nos alerta para o fato de que "o racismo está ligado ao funcionamento do Estado [moderno] que é obrigado a utilizar a raça, a eliminação das raças e a purificação da raça para exercer seu poder soberano".[71] Há que se marcar que o racismo não é algo propriamente ideológico, para Foucault, mas ligado antes às técnicas de poder, às tecnologias do poder.

A tecnologia que este texto se dedicou é a formação de massas fanatizadas em torno de líderes rudes que se tornam capazes de reunir e arrastar massas à serviço de causas verdadeiramente nocivas à humanidade.

A combinação entre sociedades capitalistas - aparentemente democráticas, subjetivadas por elementos de racismo de Estado – o aparecimento de líderes imorais e capazes de fazer inflamar o sentimento de autoproteção em decorrência do medo é especialmente perigosa.

O atomismo social, a apatia política, corroboram a tese de que os movimentos autoritários não têm uma finalidade política em si[72]. Eles são

---

[70] FOUCAULT. *Em defesa da sociedade*, p. 218.

[71] FOUCAULT. *Em defesa da sociedade*, p. 217.

[72] Segundo Arendt, "o fim prático do movimento é amoldar à sua estrutura o maio número possível de pessoas, acioná-las em ação; um objetivo político que constitua a finalidade do

a busca pelo poder em si e, para isso, não se valem de qualquer escrúpulo. Daí a explicação de seus líderes constituírem-se de meros filisteus ambiciosos, indivíduos que jamais poderiam estar ocupando o lugar de modelo. Esses, por sua vez, têm forte ascendência sobre aqueles que se identificam com sua perversidade, com seus propósitos mesquinhos. Muitas vezes, são os tão somente indecisos, os que tem medo. Aqueles que tem predisposição para serem apreendidos como gado cognitivo das Fake News, das informações manipuladas.

4 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. *Homo sacer:* o poder soberano e a vida nua I. Tradução Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

ANASTASIA, Carla Maria Junho. *A Geografia do Crime*: Violência nas Minas Setecentistas, Editora da UFMG, Belo Horizonte: 2005.

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo*, título original: The origins of totalitarianism, tradução de Roberto Raposo, São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ARENDT, Hannah. *Eichmann em Jerusalém*: um relato sobre a banalidade do mal, título original: Eichmann in Jerusalem, tradução de José Rubens Siqueira, 21ª reimpressão, São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

---

movimento totalitário simplesmente não existe" (ARENDT. Origens do totalitarismo, p. 376).

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. 8ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FREUD, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu*, tradução de Ranato Zwick, Porto Alegre: LEPM, 2019.

FREUD, Sigmund. *Totem and taboo*. New York, Moffat, Yard and Company, 1919.

FREUD, Sigmund. *Obras completas,* volume 11: totem e tabu, contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914), título original: Gesammelte Werke, tradução de Paulo César de Souza, São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade:* curso no Collège de France (1975-1976). Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I:* A vontade de saber. Tradução Maria Thereza Albuquerque e Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

FOUCAULT, Michel. *Segurança, território, população:* curso dado no Collège de France (1977-1978). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Nascimento da biopolítica:* curso no Collège de France (1978-1979). Tradução Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política.* Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. Tradução Elisa Monteiro e Inês Autran Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. (Ditos e escritos; V).

HOLSTON, James. Cidadania insurgente: disjunção da democracia e da modernidade no Brasil. Tradução de Claudio Carina. São Paulo: Companhia das Letras, 2013 [E-book].

MAZZEO, Antonio Carlos. Estado e burguesia no Brasil: origens da autocracia brasileira. 3 ed. São Paulo: Boitempo, 2015.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina. Em: LANDER, Edgardo (Org.), p. 201–246. La colonialidad del saber. Eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas Latinoamericanas. Buenos Aires: Clacso, 1993.

SOUZA, Laura de Mello. *Norma e conflito*: aspectos da história de minas no século XVIII. Belo Horizonte: editora UFMG, 2006.